



Representações sobre a língua portuguesa e sua promoção no mundo por futuros profissionais da Educação em formação

Cristina Manuela Sá¹, Maria Cristina Vieira da Silva^{2*} e Maria João Bártolo Macário¹

¹Laboratório de Investigação em Educação em Português, Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Professores, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ²Departamento de Formação de Professores, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Rua Gil Vicente, 138-140, 4000-255, Porto, Portugal. *Autor para correspondência. E-mail: mjoaomacario@ua.pt

RESUMO. A constante mutação característica da sociedade do séc. XXI exige um modelo de educação centrado no desenvolvimento de competências. A proficiente comunicação oral e escrita faz parte dessas competências essenciais e deve ser promovida através do ensino 'de' e 'em' Português. Neste contexto, cabe igualmente a reflexão sobre as representações da língua portuguesa (LP) que advêm da forma como esta é ensinada/aprendida. Daí que uma equipa de um laboratório de investigação esteja a promover estudos exploratórios sobre esta problemática, visando traçar um perfil dos estudantes (em formação inicial e pós-graduada) e, a partir desse conhecimento, encontrar estratégias para alterar as suas representações sobre a LP, o que se irá refletir nas representações dos seus futuros alunos. Adotou-se uma metodologia de índole qualitativa associada ao estudo de caso, recorrendo-se ao inquérito por questionário para a recolha de dados, que foram objeto de análise de conteúdo. Este artigo refere-se a um estudo exploratório tendo por informantes futuros profissionais da Educação a frequentar o 1.º ano de uma licenciatura em Educação Básica, que revelaram representações sobre a LP demasiado presas à sua origem geográfica e lacunas quanto à sua variação pouco compatíveis com a inserção numa sociedade multicultural e plurilingue do séc. XXI.

Palavras-chave: língua materna; valor da língua portuguesa; perceções; formação de professores.

Representations on the Portuguese language and its promotion in the world by future teachers

ABSTRACT. The constant changes that affect the society in the 21st century demand an education focused in the development of competencies. The proficient oral and written communication is placed among those competencies and must be developed through the teaching/learning of the mother tongue. Conceptions on it resulting from the way it is taught/learned are also important in this context. Consequently, a team from a research laboratory has been doing studies on these topics, in order to draw a profile of graduation and post-graduation students, which will enable their teachers to adopt strategies capable of changing their conceptions on their mother tongue that will undoubtedly affect their future pupils. In these studies was adopted a qualitative methodology based on case study, the use of a questionnaire and content analysis. This article concerns a study in which took part future teachers and educators, attending the first year of a degree in Basic Education. One concluded they were too attached to the geographic origins of their mother tongue and rather unaware of the variations it admitted, a perspective that is very far from being adapted to the multicultural and plurilingual society of the 21st century.

Keywords: mother tongue; value of a language; conceptions; teacher education.

Introdução

Uma das principais preocupações educativas do séc. XXI é o desenvolvimento de competências que permitam aos cidadãos fazerem face às contingências de uma sociedade em constante mutação. Das Ciências da Educação (cf., por exemplo, Perrenoud, 1999) às políticas educativas (cf., nomeadamente, Comissão Europeia, 2007), passando pela Economia (World Economic Forum, 2016), muitos se têm empenhado a fim de preparar as jovens gerações para

um futuro que ainda desconhecemos, mas em que competências como a autonomia e a iniciativa, a criatividade e a inovação, a curiosidade e a liderança, a persistência, a resistência à frustração e a adaptabilidade, bem como a capacidade de resolver problemas complexos, andarão a par com a aptidão para colaborar e comunicar e a sensibilidade às dimensões sociais e culturais em que o domínio linguístico desempenha um papel central. Como seria de esperar, Portugal envolveu-se neste movimento, o que é comprovado pela publicação do

Currículo Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001), documento que marcou fortemente o sistema educativo português, por ter sido o ponto de partida para muitos outros, que têm abalado o quotidiano das escolas.

No entanto, estes propósitos políticos não têm tido o eco desejável no campo das práticas educativas, o que responsabiliza inequivocamente as instituições do Ensino Superior (politécnico e universitário), responsáveis pela formação de todos os profissionais da Educação, nomeadamente educadores de infância e professores generalistas do 1º Ciclo do ensino básico (doravante 1º CEB). Apesar da sua recente adesão às reformas educativas – através do tão discutido Processo de Bolonha –, procuram ainda a melhor forma de superar problemas que se refletem no domínio da Educação e que, apesar de não serem específicos da sociedade atual, na medida em que sempre existiram, se fazem sentir presentemente com mais ênfase, dada a grande mobilidade – real e virtual – que a caracteriza.

Formação para o ensino da língua portuguesa na sociedade atual

Ao ensino da LP cabe – sem sombra de dúvida – um papel de destaque neste contexto, visto ter como objetivo fundamental desenvolver competências em comunicação oral e escrita ditas transversais, porque são fundamentais para o sucesso académico (dado que a interação na sala de aula se desenvolve nessa língua, independentemente da área curricular em questão) e também para a vida quotidiana (tanto no universo social – com destaque para o mundo do trabalho – como na esfera pessoal). De facto, a leitura e a escrita são competências cujo domínio é determinante numa sociedade dita da informação, na qual a comunicação é experienciada e atualizada em permanência, através das redes sociais (Facebook, YouTube, LinkedIn, Twitter, Instagram, Pinterest, Tumblr, Myspace, Hi5, etc.), das mensagens de texto que lemos e escrevemos nos nossos telemóveis e do intensíssimo uso que fazemos de meios eletrónicos em todos os setores da nossa vida.

Esta dimensão da LP é valorizada por documentos recentes que regulam o ensino/aprendizagem da língua materna (doravante LM): as *Metas Curriculares de Português – Ensino Básico – 1º, 2º e 3º Ciclos* (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2012) e os *Programas e Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* (Buescu, Morais, Rocha, & Magalhães, 2015). Todos eles referem repetidamente o facto de que ninguém pode desenvolver as competências necessárias para viver a cidadania de modo informado e crítico sem ter um

pleno domínio da língua materna, que lhe permitirá utilizá-la, quer para comunicar, quer para adquirir/aprofundar competências e conhecimento.

Importância das representações sobre a língua portuguesa no seu ensino

O domínio da LP como LM envolve não apenas a utilização correta da língua nas mais diversas áreas, mas também o reconhecimento de que o Português ocupa um lugar de destaque no mundo atual, a par de outras línguas (Macário, Sá, & Gomes, 2015). De ‘língua de prestígio’ (associada aos descobrimentos e ao conhecimento científico deles decorrente) passou a ‘língua de expansão’ (devido à sua ampla utilização no contexto económico e político da civilização ocidental) e a ‘língua franca’ (dado o seu uso cada vez mais generalizado). Não é essa a sua situação atualmente, mas tal não significa que seja uma língua a descurar, ao nível europeu e até mundial, visto ser falada em 4 continentes e deter grande potencial cultural (decorrente da miscigenação com culturas africanas, asiáticas e da América do Sul), económico (por estar associada a potências económicas atuais, como o Brasil e Angola) e político (por ser língua de trabalho em diversas organizações internacionais). Daqui advém, também, o conceito de ‘lusofonia’, que, embora não reunindo consenso sobre o seu âmbito e significado, se refere, genericamente, ao “[...] conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português” (Pereira, 2008, p. 1-2), logo ao espaço linguístico e cultural da língua portuguesa (Pinho & Ançã, 2015). Assim, ‘lusofonia’ ultrapassa a mera questão linguística e estende-se a uma intenção destes povos de promover a língua que historicamente partilham, isto é, o termo refere-se também a uma certa identidade cultural partilhada, com repercussões no âmbito político e económico.

No universo atual das línguas, a LP assume uma posição ‘supercentral’ (Calvet, 2002) por ser uma das mais faladas no mundo (em 37 países de 4 continentes, sendo língua oficial em 8 deles), ocupar o 8º lugar no PIB mundial e em número de internautas e ainda ser a 6ª língua mais utilizada em negócios e língua oficial, de trabalho ou de documentação, em mais de 20 organismos multilaterais ou regionais (Calvet & Calvet, 2012; United Nations, 2013; Lewis, Gary, & Fenning, 2016). O potencial económico atualmente atribuído à LP (Esperança, 2009; Reto, 2012) e o universo de falantes (Reis, Laborinho, Leiria, Filipe, & Pinheiro, 2010) favorecem a sua afirmação linguística, o que lhe confere estatuto de língua internacional (Marques & Sebastião, 2013). No entanto, é vista, por muitos, como objeto acessório e preterida em relação

ao Inglês, nomeadamente em contexto académico (Pinto, 2012), havendo ainda uma tendência para a perspetivar de forma ego/eurocêntrica devido ao relativo desconhecimento do seu valor internacional (Ançã, Macário, Guzeva, & Gomes, 2014; Sá, 2015).

Embora se esteja a apostar na afirmação política da língua (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 2014), é preciso não esquecer o papel crucial desempenhado pela educação em português na veiculação de uma imagem da LP, que a releve internacionalmente, a par de outras línguas, e permita entendê-la como língua de valor económico, social e científico. Ainda que uma língua não represente um valor efetivo em moeda, beneficia de economias de rede, ou seja, se tiver muitos utilizadores, cada um deles pode extrair benefício da sua partilha (Reto, 2012). Portanto, o valor económico da língua portuguesa resulta i) do benefício para os utilizadores, ii) da diminuição dos custos de transação nas trocas comerciais e de organização nas empresas transnacionais e iii) da oportunidade de desenvolvimento económico, social e cultural das comunidades lusófonas (Reto, 2012). Assim, o crescimento económico de países como o Brasil e Angola tem vindo a contribuir para a valorização económica da língua por parte dos seus utilizadores (Reto, 2012).

Se queremos que os alunos dos vários níveis de ensino se apropriem desta nova forma de ver a LP, temos de começar por atuar com quem é responsável pela sua educação/formação/instrução, ou seja, os profissionais da educação, entre os quais se destacam os educadores de infância e os professores generalistas do 1º CEB. Estes orientam a sua ação didática com base em saber profissional, mas também em representações (Jodelet, 2007), que partilham com o grupo social e com o grupo profissional e que vão sendo construídas e sedimentadas ao longo de toda a vida, incluindo o percurso académico e profissional.

Efetivamente, as representações sociais estão ligadas ao saber de senso comum, diferenciado do saber científico, sendo socialmente construídas e partilhadas e desempenhando um importante papel nas dinâmicas sociais. Trata-se de interpretações simbólicas da realidade, que abrem caminho para a compreensão dos fenómenos sociais. Fazendo a educação parte desses fenómenos, as representações sociais são também importantes para a sua compreensão.

Sendo partilhadas socialmente, as representações sociais são construídas a partir das múltiplas experiências vividas, entre as quais se contam aquelas que acontecem dentro do próprio sistema educativo, com grande influência na produção de uma

determinada cultura educativa. Por isso, não é de estranhar que essas representações influenciem os próprios procedimentos de ensino.

Relativamente aos professores, pode afirmar-se que as suas representações sobre a docência, os alunos e as relações escola-sociedade são sociais (Sil, 2006), pois são geradas e partilhadas socialmente, mas também são profissionais, pois são geradas e partilhadas no seio do grupo profissional. Os referentes (modelos, valores, ideias, imagens) partilhados com o seu grupo social e profissional influenciam as suas representações, resultantes da interação permanente com os demais indivíduos da sociedade e com os pares e os alunos e da sua situação perante a instituição e a sociedade.

Outro aspeto a ter em conta na formação das representações dos professores prende-se com o que refere Jodelet (2007): as experiências vividas ao longo da formação escolar geram determinadas representações sobre a Educação, que serão transportadas aquando do ingresso no Ensino Superior. O conhecimento científico que se tem construído em torno da docência e que é revelado aos futuros professores durante a sua formação inicial não é o único fator orientador da ação educativa futura destes. O saber de senso comum (as representações sociais), em articulação com o saber constituído no contexto da formação inicial, tem claras repercussões no quotidiano escolar futuro (Cunha, 2007).

Quando ingressam na formação inicial, os futuros professores têm uma forma de ver a profissão docente e a sua atuação. A integração do saber que venham a adquirir ao longo da formação irá depender, por um lado, da experiência de vida do indivíduo e, por outro, do significado que este atribui a esse saber (Rodgers & Scott, 2008). Este conjunto de experiências pessoais, de construção de conhecimento em ambientes formais e de experiências enquanto estudantes ajuda a enformar as suas representações sobre o ensino. Essas crenças influenciam a interpretação e a valorização das experiências vividas no âmbito da formação inicial pelos estudantes, que poderão não as sentir como relevantes e, portanto, não as tomar como ponto de partida para atuar na prática profissional (Marcelo, 2009). Se forem representações muito fortes e estáveis, muito dificilmente a experiência de formação inicial conseguirá modificá-las e serão precisamente essas as representações a serem ativadas para solucionar os problemas com que se vierem a deparar no exercício da profissão (Tardif, 2003).

Na qualidade de docentes e/ou investigadoras de instituições de ensino superior, temos atuado em

vários cursos de formação de profissionais da educação, nomeadamente a Licenciatura em Educação Básica (primeiro ciclo de estudos de Bolonha) e cursos de segundo ciclo de estudos de Bolonha de natureza profissionalizante e académica (estes últimos destinados a pessoas já profissionalizadas). Nesses contextos, temos desenvolvido estudos que nos revelam que a vivência de experiências a que atribuam significado permite aos estudantes valorizar modos de atuação didática conducentes a uma efetiva aprendizagem dos seus futuros alunos (Macário, 2014; Macário et al., 2015; Sá, 2015). Por esse motivo, defendemos que a formação de professores – particularmente no campo da Educação em Português – necessita de promover experiências de ensino que veiculem esta imagem da LP, para que estes profissionais da educação possam promovê-la, também, com os seus alunos.

Contextualização do estudo e metodologia de investigação

Num laboratório de investigação dedicado à Educação em Português, têm sido desenvolvidos estudos exploratórios sobre esta problemática. O primeiro ocorreu no ano letivo de 2012/13, foi coordenado por uma investigadora sénior daquele laboratório e também envolveu investigadores de universidades de outros países lusófonos: Brasil e Cabo Verde (Ançã, Guzeva, Gomes, Macário, Paiva, & Ohuschi, 2013; Guzeva, Gomes, Macário, Ançã, Paiva & Ohuschi, 2013; Ançã et al., 2014)¹.

Seguiram-se-lhe outros: um, no 1º semestre de 2013/14, em que participaram estudantes de um mestrado profissionalizante para formação de educadores de infância e professores do 1º CEB (Macário et al., 2015); outro, no 2º semestre do mesmo ano letivo, desenvolvido com professores já profissionalizados a desempenhar funções em Bibliotecas Escolares e a frequentar um mestrado académico (Sá, 2015); e um último (até ao momento), em que participaram estudantes de duas turmas de uma unidade curricular (UC) integrada no 2º semestre do 1º ano da Licenciatura em Educação Básica de uma Escola Superior de Educação não integrada, no Porto (rentabilizando as ligações do laboratório supra referido a outras instituições do Ensino Superior).

Em todos estes estudos foi utilizado um questionário criado para o primeiro (Ançã, Macário, & Guzeva, 2013), que permitia identificar as representações sobre a LP e incidia sobre os seguintes aspetos: i) línguas e LP, ii) internacionalização da LP e iii) valor da LP. Tivemos o cuidado de utilizar

questionários tão semelhantes quanto possível nos diversos estudos, para podermos comparar as representações dos vários públicos-alvo e tirar conclusões sobre as semelhanças ou as diferenças entre elas. Mas, como é óbvio, foi preciso introduzir nele algumas alterações, para o adaptar ao público de cada estudo.

Em todos estes estudos foi usada uma metodologia de investigação de índole qualitativa, com características de estudo de caso coletivo. Para a análise de todos os dados recolhidos nestes vários estudos, recorreremos a uma combinação de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas) e análise de conteúdo.

Este texto refere-se ao quarto estudo, que teve por informantes 85 estudantes de licenciatura (também futuros docentes de LP) e nos permitiu determinar que representações sobre o português apresentavam no início do 2.º semestre curricular, momento em que surgiu a oportunidade de lançar o inquérito a este público.

É ainda de referir que, quando apresentamos exemplos de respostas dadas pelos nossos inquiridos, usamos a sigla S – correspondendo a ‘sujeito’ – seguida do número convencional que atribuímos àquele respondente. Logo, a sigla S1 designará uma resposta dada pelo primeiro respondente.

Análise e discussão dos resultados de um estudo exploratório centrado nas representações de futuros profissionais da educação sobre a língua portuguesa

As respostas dadas às perguntas incluídas na primeira parte do questionário permitiram caracterizar os inquiridos. A grande maioria tinha idade compreendida entre os 18 e os 21 anos, era natural de Portugal Continental, onde estava fixada, e reconhecia o português como língua materna (à exceção de dois, que indicaram também o Francês/o Alemão).

Entre outros aspetos, pretendíamos saber quais as representações dos nossos inquiridos sobre os países integrados ao mundo lusófono.

Constatámos que tinham dificuldade em definir o conceito de ‘lusofonia’ (Questão 3.1.): metade não respondeu à pergunta e uma boa parte das respostas dadas não se adequava ao que era pedido. Assim, só 10 inquiridos (correspondendo a 11,8%) deram respostas válidas.

Analisando essas respostas, constatámos que a maioria das definições de ‘lusofonia’ apresentadas (63,6%) estava associada ao espaço geográfico (como se pode ver nos enunciados ‘É os países onde se fala o português’. – S11 – e ‘Países que falam a língua

¹ Nesse primeiro estudo, apenas participou a terceira signatária deste artigo.

portuguesa’. – S70). O espaço humano e o espaço cultural (presentes nos enunciados ‘É o conjunto de algumas identidades culturais existentes em países, regiões e cidades falantes da língua como Portugal, Brasil, Angola e Cabo Verde.’ – S34 – e ‘Falantes da língua portuguesa’ – S75) foram bem menos valorizados (18,2% das ocorrências para cada categoria).

Esta dificuldade em lidar com o conceito de lusofonia (quer pela ausência de resposta, quer pela distorção do conceito que encerravam algumas respostas) não deixa de nos surpreender, dado, por um lado, o nível de conhecimentos de nível geral ou senso comum que seria expectável que estudantes manifestassem à entrada no Ensino Superior e, por outro, o facto de o significado do termo poder ser etimologicamente recuperado a partir da decomposição da palavra no étimo ‘lusó’, referente a lusitano (português), e no sufixo ‘-fonia’, relativo a som ou idioma oral.

Um retrato algo idêntico, no que respeita à dificuldade em reconhecer este conceito, foi já traçado numa investigação realizada no Brasil (Fiamoncine, 2015), tendo por objeto de estudo a perceção da lusofonia de alunos, entre 16 e 18 anos, do ensino médio, em duas realidades socioeconómicas distintas (uma escola particular, localizada num bairro de classe média alta, e outra, frequentada por estudantes do ensino público, localizada num bairro da periferia de São Paulo). Em ambos os universos, no entanto, o que foi possível verificar foi um mesmo resultado: “Num primeiro momento de discussão, constatámos o que já esperávamos, os alunos pouco ou nada sabiam do termo Lusofonia e da relevância dos países de língua portuguesa; para eles era Brasil e Portugal.” (Fiamoncine, 2015, p. 90).

Os nossos resultados relativos ao pedido de definição de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP] (Questão 3.2.) são semelhantes aos obtidos na questão anterior: ao todo, só 28 inquiridos (correspondendo a 32,9%) deram respostas válidas. Pensamos que as frequentes referências a esta organização na comunicação social, nomeadamente aquando do seu maior protagonismo, em face à defesa da implementação do Acordo Ortográfico, podem ter contribuído para estes resultados ligeiramente melhores. Neste caso, cremos que o facto de esta sigla ser de interpretação mais hermética justificará igualmente os resultados obtidos.

O questionário incidia ainda sobre o valor económico da LP, aspeto contemplado em duas perguntas (Questão 3.3. – ‘Indique o que entende por valor económico de uma língua’. e Questão 3.4.

– ‘Exemplifique focando-se na língua portuguesa’). No Quadro 1, apresentamos os resultados da análise das respetivas respostas:

Quadro 1. Natureza das definições de ‘poder económico da LP’ e das respetivas justificações.

Natureza das definições	Nº de ocorrências	%	Natureza das justificações	Nº de ocorrências	%
Poder económico	9	30,1	Poder económico	4	20,0
Poder político	7	23,3	Poder político	4	20,0
Divulgação	7	23,3	Divulgação	5	25,0
Cultura	4	13,3	Cultura	0	0
Número de falantes	2	6,7	Número de falantes	5	25,0
Comunicação	1	3,3	Comunicação	2	10,0
Total	30	100	Total	20	100

Constata-se que há algum desfasamento entre as definições e os exemplos apresentados.

No lado das definições, há três dimensões que são favorecidas, o que não é de surpreender, porque estão intimamente ligadas entre si: o poder económico, associado ao uso da LP em transações dessa natureza, nomeadamente comerciais (como se pode ver nos enunciados ‘Qual o valor que determinada língua tem em contextos económicos no mundo.’ – S7 – e ‘A importância de a língua tem a nível económico [sic].’ – S55); o poder político (presente nos enunciados ‘A importância que essa língua tem no estrangeiro’ – S25 – e ‘Quanto vale uma língua em diversos países, a sua importância.’ – S49); e a divulgação (dimensão subjacente aos enunciados ‘Uma língua é exposta mundialmente e assim tem o seu reconhecimento a nível mundial.’ – S29 – e ‘É o valor que a língua tem a nível de levar pessoas para esse país.’ – S80).

No lado dos exemplos, foram valorizados quase *ex aequo*: o poder económico (referido nos enunciados ‘A língua portuguesa tem como moeda o euro, portanto é conhecida mundialmente dessa mesma forma’. – S29 – e ‘O português tem um valor económico relevante pois os países em que falam português (Brasil, Luanda) são países com grande riqueza e importantes a nível económico. [sic].’ – S63), sendo de referir o facto de, no primeiro enunciado, se associar esse poder à Europa (através da UE) e, no segundo, à África e à América do Sul; o poder político (presente nos enunciados ‘Sei que em Portugal é tudo feito em Português, mas nunca se fala de Portugal lá fora, nunca é em Português.’ – S7 – e ‘A língua portuguesa não é tão importante como o inglês, tendo, por isso, então menos valor económico.’ – S53,

em que detetámos a ligação estabelecida entre o poder político e o poder económico, com contornos negativos para a língua portuguesa); a divulgação e o número de falantes (subjacentes aos enunciados

‘Pouco valor económico, pois é raro o país do estrangeiro que compreende a língua portuguesa.’ – S5 – e ‘Como a língua portuguesa é pouco falada no mundo, o seu valor económico é baixo.’ – S49).

De seguida, procurámos saber se os nossos inquiridos consideravam que a LP é uma língua em crescimento e como justificavam a posição assumida (Questão 3.5. ‘Considera que o português é uma língua em crescimento? Justifique’). A maioria (51, correspondendo a 60%) deu resposta afirmativa à primeira parte da pergunta. No Quadro 2, figuram os resultados da análise das justificações apresentadas para cada tipo de resposta dada à segunda parte da mesma:

Quadro 2. Justificações associadas às representações sobre o crescimento do português.

Tipo de resposta	Justificação	Nº de ocorrências	%
Sim	Crescimento económico	1	1,3
	Cultura	0	0
	Número de falantes	3	4,1
	Movimentos migratórios e deslocações	10	13,5
	Divulgação/expansão	19	25,8
	Ciberespaço	6	8,1
	Importância mundial	4	5,4
	Evolução da língua	22	29,8
	Demografia	0	0
	Relevância	5	6,8
Não	Dificuldades de aprendizagem	1	1,3
	Adulteração da língua	1	1,3
	Perfeição da língua	1	1,3
	Desinteresse pelo ensino/aprendizagem de línguas	1	1,3

A sua leitura revela-nos que o crescimento da língua portuguesa é essencialmente associado a aspetos como: a evolução da língua (presente nos enunciados ‘Sim, todas as línguas estão em crescimento porque existem sempre palavras novas.’ – S20 –, ‘Considero, uma vez que esta língua está em constante alteração nas regras de aplicação e em termos gramaticais também por isso mesmo, esta língua está em constante atualização e em crescimento de dia para dia.’ – S29 – e ‘Sim, todas as línguas se encontram em crescimento. Com estrangeirismos e com o novo acordo ortográfico devido à globalização.’ – S67), sendo curioso o facto de as inovações mencionadas se prenderem com o léxico (podendo os estrangeirismos funcionar como uma fonte de renovação), a gramática (associada a regras) e o AO (que, finalmente, é encarado de forma positiva como um contributo para uma maior aceitação da LP, cuja ortografia é geralmente vista como difícil de aprender, sobretudo na sua variedade europeia); a divulgação/expansão da língua (como é comprovado pelos enunciados ‘Sim, porque muitos portugueses [sic] estão a emigrar e há muitos descendentes de portugueses noutros países que se

preocupam com Portugal e as suas raízes e isso no futuro pode vir a ter muita influência no crescimento da língua.’ – S10 – e ‘Sim, cada vez mais está em maior crescimento pois existe muita emigração.’ – S50); os movimentos migratórios e deslocações (como se pode depreender dos enunciados ‘Sim, sem dúvida, pois cada vez existe mais portugueses a procurarem outros países e que vão passando a sua língua materna.’ – S12 – e ‘Sim, porque há cada vez mais portugueses a emigrar e então a língua cada vez mais vai passando para outros países.’ – S79).

Os enunciados relacionados com as respostas negativas focaram-se sobretudo na (falta de) relevância da língua portuguesa (como se pode ver, por exemplo, em ‘Na minha opinião a língua portuguesa apesar de ser falada em muitos países hoje em dia esta não está em crescimento como por exemplo a língua inglesa. [sic].’ – S35 – e ‘Não. Porque somos um país pequeno e a nossa língua tem pouco valor.’ – S77).

Escolhemos estes enunciados, porque o primeiro se foca na tónica das línguas quase vistas como ‘francas’ na sociedade atual (como é o caso do inglês) e o segundo associa a pouca importância atribuída à LP ao facto de o seu país de origem ser pequeno. Estranhámos a associação da pouca importância da LP às reduzidas dimensões de Portugal, dado que, na Europa, existem outros países ainda mais pequenos (como a Bélgica e o Luxemburgo) que são muito importantes, em termos económicos e/ou políticos, e também porque o Português é falado em países grandes (como o Brasil e Angola, muito referidos por estes inquiridos nas respostas a perguntas anteriores). Aparentemente, para estes estudantes, o único português que conta é o que é falado em Portugal.

Quando se lhes perguntou em que zonas a LP estaria em crescimento (Questão 3.6. – ‘Se responder SIM à questão anterior, indique em que zonas/países a língua portuguesa está em crescimento’), privilegiaram: a Europa (22, correspondendo a 28,6%), certamente a pensar nos emigrantes; a África (10, correspondendo a 12,9%), provavelmente tendo em mente as ex-colónias portuguesas nesse continente; a América do Sul (9, correspondendo a 11,7%), certamente a pensar no Brasil. Logo, a maioria dos nossos inquiridos via os países europeus como um potencial espaço geográfico de expansão da língua materna, provavelmente tendo em conta o recente fenómeno de emigração de pessoal qualificado para países da UE (como os enfermeiros, para o Reino Unido, por exemplo). Em concorrência com esses destinos,

temos o Brasil e países africanos lusófonos (normalmente associados a emigrantes com menos qualificações, como, por exemplo, trabalhadores da construção civil).

Também se pretendia determinar de que forma os nossos inquiridos situavam a LP no mundo do trabalho e como justificavam a resposta dada (Questão 3.7. ‘Considera que, ao nível global, o domínio da LP pode ser uma oportunidade no mundo do trabalho? Justifique’). O grosso das respostas dividiu-se pelo Sim (28, correspondendo a 32,9%) e pelo Não (37, correspondendo a 43,5%). Houve ainda um número considerável de estudantes que não respondeu (16, correspondendo a 18,8%).

No Quadro 3, apresentamos os resultados da análise das justificações dadas:

Quadro 3. Justificações associadas às representações sobre a LP como oportunidade no mundo do trabalho.

Tipo de resposta	Justificação	Nº de ocorrências	%
Sim	Economia/negócios	6	7,4
	Número de falantes	2	2,5
	Movimentos migratórios e deslocações	10	12,3
	Divulgação/expansão	8	9,9
	Potencial humano	17	20,9
Não	Relevância	25	30,9
	Número de falantes	11	13,6
	Dificuldades de aprendizagem	2	2,5
Total		81	100

Na sua maioria, os inquiridos que viam o facto de falar Português como uma mais-valia no mundo do trabalho valorizavam aspetos como: o potencial humano (como se comprova nos enunciados ‘Sim. Apesar de se pedir, cada vez mais, pessoas com autonomia na língua inglesa, também, noutros países se pedem pessoas com autonomia a nível de português. [sic]’ – S18 –, ‘Sim, porque hoje em dia quem sabe muitas línguas tem vantagens.’ – S23 –, ‘Claro que sim. Existem muitos países que falam a língua portuguesa como os PALOP e é uma oportunidade de conseguir trabalho.’ – S24 –, ‘Sim, porque o continente africano está em crescimento e é um dos sítios onde mais se fala português.’ – S33 –, ‘Sim, é benéfico saber a língua portuguesa pois em alguns países é utilizada e é sempre positivo a nível do mundo do trabalho saber mais línguas.’ – S48 – e ‘Claro, os portugueses são muito bem recebidos no estrangeiro e devido à globalização cada vez mais se procura pessoas de nacionalidades diferentes.’ – S67). Conjugam justificações de cariz mais atual, como a procura no mercado do trabalho e a

vantagem em falar várias línguas (por oposição ao recurso a uma ‘língua franca’, que geralmente é o inglês) com justificações mais tradicionais, como: a valorização económica de países lusófonos (entre os quais se conta Angola); os movimentos migratórios e deslocações (presentes em enunciados como ‘Sim, porque cada vez mais existem portugueses a construir negócios no estrangeiro, o que contribui para a expansão do domínio da língua portuguesa. [sic]’ – S41 – e ‘Sim, porque existem muitos portugueses espalhados pelo mundo.’ – S50); a divulgação/expansão da língua portuguesa (visível em enunciados como ‘Sim. Para além de quanto maior o número de línguas dominadas melhor para o enriquecimento de cada um, o português já é uma língua falada não só no seu país.’ – S29 – e ‘Sim, porque no estrangeiro eles já começam a valorizar esse aspeto. [sic]’ – S56).

Para concluir a terceira parte do questionário, dedicada à internacionalização da LP, quisemos saber a opinião dos nossos inquiridos sobre a importância da imigração e do turismo para o crescimento da mesma no espaço lusófono, em geral, e em Portugal, em particular (na Questão 3.10 – ‘Qual o contributo dos imigrantes e do turismo para o desenvolvimento/crescimento da língua portuguesa, em Portugal, e nos ‘países lusófonos?’). Aqui, o número de inquiridos que deram resposta afirmativa (38, correspondendo a 44,7%) rivaliza com o dos que não responderam (34, correspondendo a 40%), havendo muito poucas respostas negativas (3, correspondendo a 3,5%).

No Quadro 4, apresentamos os resultados de uma segunda análise, centrada nas áreas em que esses contributos se poderiam situar:

Quadro 4. Áreas de contributo da imigração e do turismo.

Justificação	Nº de ocorrências	%
Divulgação/expansão	25	40,3
Evolução da língua	2	3,2
Interculturalidade	12	19,4
Valorização	13	21,0
Número de falantes	7	11,3
Utilização da língua	1	1,6
Economia/sociedade	2	3,2
Total	62	100

A sua leitura revela que os contributos esperados tinham mais a ver com aspetos que podiam afetar diretamente a língua: a sua divulgação (visível nos enunciados ‘Os imigrantes têm um grande contributo uma vez que, dependendo do tempo que cá ficam, aprendem algo da Língua Portuguesa e a transmitem aos seus países de origem.’ – S25 –, ‘Na minha opinião os imigrantes passam a falar a nossa língua e adequam a vida deles à nossa cultura, logo,

quando voltam para o seu país de origem levam um pouco da nossa cultura e no meio onde vivem ensinam português. O mesmo pode acontecer com os turistas.’ – S35 – e ‘Os imigrantes e o turismo têm contribuído muito pois os imigrantes levam a nossa língua para os outros países e os turistas também levam o que entenderam da nossa língua. [sic]’ – S80); a divulgação da cultura a ela associada, alternando enunciados ‘patrióticos’ centrados numa desejada hegemonia da língua portuguesa, (tais como: ‘O objetivo é essas pessoas ficarem a conhecer os nossos costumes e investirem no nosso país.’ – S20 –, ‘Na minha opinião os imigrantes passam a falar a nossa língua e adequam a vida deles à nossa cultura, logo, quando voltam para o seu país de origem levam um pouco da nossa cultura e no meio onde vivem ensinam português. O mesmo pode acontecer com os turistas’. – S35 – e ‘Será um bom contributo pois passará a mensagem da nossa cultura ainda alguns feitos em dadas áreas.’ – S55) e enunciados que valorizam a interculturalidade (como, por exemplo, ‘É muito importante pois aprendemos com eles e eles conosco e passam a cultura para o seu país e onde vão. [sic].’ – S30 –, ‘Trazem-nos costumes, novas tradições, contribuem para uma melhor economia.’ – S53 – e ‘Interligação de culturas, costumes, tradições é muito importante para o crescimento de um país. [sic]’ – S62); a sua maior valorização fora do país (como se pode ver nos enunciados ‘Expansão da língua portuguesa e da nossa cultura.’ – S31 – e ‘Penso que assim se conseguirá promover mais o país chamando a atenção das pessoas do que temos de melhor em Portugal. [sic]’ – S47).

Os nossos inquiridos não pareciam associar esse contributo ao incremento da economia: só 2 (correspondendo a 3,2%) referem esse aspeto.

Em termos gerais, os dados recolhidos nas respostas destes estudantes evidenciam representações lacunares ou equivocadas sobre a língua portuguesa e sua importância. Ainda que não tenham sido controladas, neste nosso estudo, variáveis como o estatuto socioeconómico ou cultural de proveniência destes inquiridos, o nosso conhecimento dos estudantes permite-nos apontar uma generalizada falta de experiência nas suas vivências culturais e sociais que lhes permitiria, eventualmente, uma outra perceção da LP nas diferentes facetas que a mesma assume, quer em nível linguístico, cultural, geográfico e histórico, bem como em nível ideológico/político e económico. Naturalmente que, em face desta ausência de saber de experiência feito que poderia advir de um maior acesso a bens culturais (como os

decorrentes do contacto com outros idiomas e culturas proporcionados nomeadamente pela possibilidade de viajarem para o exterior ou frequentarem cursos de línguas, por exemplo), caberá ao contexto académico apoiar a construção, por estes estudantes, futuros educadores e professores, de um mais sólido e adequado sistema de representações identitárias e culturais enquanto falantes da LP e docentes dessa mesma língua.

Considerações finais

Este estudo revelou que os nossos inquiridos estavam muito focados no espaço geográfico nacional. De facto, as definições de ‘lusofonia’ apresentadas estavam maioritariamente ligadas ao espaço geográfico de Portugal (nomeadamente continental). No entanto, pareciam ter consciência do facto de que – mesmo ‘impuro’ – o português é falado noutros países que não Portugal, nomeadamente quando atribuíam à LP um poder económico e político e uma taxa de divulgação que só fazem sentido se pensarmos em potências emergentes, como o Brasil ou Angola, e no número de falantes do português que vivem no seu território.

Viam a LP como uma oportunidade no mundo do trabalho, tendo em conta o número de pessoas que a falam no mundo e a possibilidade de encontrar emprego nesses países, que muitos cidadãos portugueses andam a explorar neste momento de crise económica nacional.

Identificavam ainda a divulgação da língua como decorrente de movimentos migratórios e deslocações, sendo que os respondentes que lhe negavam essa dimensão se justificavam evocando sobretudo a sua falta de relevância no mundo atual.

De um modo geral, ficou-nos a perceção de que estes estudantes revelavam bastantes falhas em termos do conhecimento da sua LM, envolvendo aspetos como a posição que ocupa no mundo do séc. XXI (balançando entre, por um lado, um otimismo ligado ao apreço que atribuíam à antiguidade histórica e cultural da LP e, por outro, um pessimismo decorrente da sua visão negativa da relevância da sua LM na atualidade), o reconhecimento da existência de variedades (dentro e fora dos limites de Portugal) e da sua legitimidade (referindo-se frequentemente a uma ‘pureza’ do português europeu que curiosamente associavam à preservação do contacto com outras línguas).

Tais lacunas e representações equivocadas são problemáticas não apenas porque revelam um desconhecimento dos aspetos linguísticos, culturais, histórico-geográficos e ideológicos que comprometem um adequado desempenho das funções docentes, mas ainda porque a desvalorização da língua que nelas está implicada põe em causa a

afirmação da própria identidade linguística e social de cada indivíduo. Mais do que um mero veículo de transmissão da informação, a língua é um dos elementos que constrói a identidade social de cada um de nós, na forma como nos reconhecemos e aceitamos, respeitando o outro na heterogeneidade que nos caracteriza enquanto falantes de um mesmo idioma.

É pois, neste contexto, que a formação de professores não poderá continuar a ignorar que a sociedade do séc. XXI não é estável, monocultural e linguisticamente homogênea (se é que alguma vez foi). Em face desta realidade, o professor, nomeadamente de LP, necessita de mobilizar um conjunto de conhecimentos e competências que passam pela sensibilidade à variação inerente a qualquer sistema linguístico (decorrente da variação intraindividual e ainda interindividual que o constituem) e pelo reconhecimento do que distingue linguisticamente variedades entre si, de forma que possa não só reconhecê-las, descrevê-las e analisá-las, como ainda agir em conformidade.

Confrontadas com estes dados e conscientes de que distintas abordagens poderão ser assumidas, em nível da formação docente, de forma a assegurar que os universos socioculturais e linguísticos destes alunos, futuros docentes, sejam ampliados, é nosso objetivo proporcionar formação específica aos mesmos. Partindo das lacunas encontradas, pretendemos identificar as potencialidades que estas situações apresentam à formação de professores, nomeadamente daqueles estudantes cujos universos socioculturais e linguísticos conduzem a situações de maior risco de insucesso escolar e de práticas pedagógicas mais limitadas e menos desafiantes do que seria desejável. Por isso, é importante envolver os estudantes na construção de conhecimento com os pares, de modo que com estes (re)pensem cenários educativos e estratégias didáticas que correspondam a objetivos de educação conducentes à formação de cidadãos ativos e informados do seu papel em sociedade. Nessa medida, a formação de professores poderá apostar em modelos de formação colaborativos, na senda dos pilares estruturantes do Processo de Bolonha, semelhantes aos propostos por Macário et al. (2015), em que, através de um fórum de discussão *online* denominado *Transversalidades* (Sá & Macário, 2014), os estudantes refletem e coconstruem estratégias centradas na promoção da língua portuguesa no panorama mundial.

Convém, ainda, destacar uma última questão sobre estes resultados: mais do que salientar e procurar explicações para as lacunas e distorções que estas representações sobre a LP encerram, estes resultados alertam-nos para problemas que não podemos ignorar e encorajam-nos, enquanto

formadoras de futuros professores, a integrar na formação de nível superior destes estudantes vivências que constituam outras tantas oportunidades de desenvolver e aprofundar conhecimentos, competências e uma sensibilidade para a sociedade multicultural e multilingue que uma vivência sociocultural mais consciente e uma escolaridade de doze anos poderiam ter assegurado de forma mais capaz e generalizada.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito do projeto UID/CED/00194/2013 e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) no âmbito do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (CIEC) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562.

Referências

- Ançã, M. H., Macário, M. J., & Guzeva, T. (2013). *Questionário educação em português: promoção e difusão da língua* [Documento não publicado]. Aveiro: CIDTFF/LEIP.
- Ançã, M. H., Guzeva, T., Gomes, B., Macário, M. J., Paiva, Z., & Ohuschi, M. (2013). Língua portuguesa e lusofonia: na voz de universitários portugueses e brasileiros. In *Atas do XX Colóquio da Lusofonia* (p. 158-163). Seia, PT: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.
- Ançã, M. H., Macário, M. J., Guzeva, T., & Gomes, B. (2014). O papel da educação em português na promoção e difusão da língua – um estudo com um grupo de estagiárias. *Revista Lusófona de Educação*, 27(27), 93-108.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2012). *Metas Curriculares de Português - Ensino Básico - 1º, 2º e 3º Ciclos*. Lisboa, PT: Ministério da Educação e da Ciência.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programas e Metas Curriculares de Português - Ensino Básico - 1º, 2º e 3º Ciclos*. Lisboa, PT: Ministério da Educação e da Ciência.
- Calvet, L., J. (2002). *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Recuperado de <http://www.gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>.
- Calvet, A., & Calvet, L. J. (2012). *Baromètre Calvet des langues du monde*. Recuperado de <http://wikilf.culture.fr/barometre2012/>
- Comissão Europeia (2007). *Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Quadro de referência europeu*. Luxemburgo, LU: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP]. (2014). *Plano de Ação de Lisboa*. Maputo: CPLP.
- Cunha, A. C. (2007). *Formação de professores. A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático*. Vila Nova de Famalicão, PT: Editorial Magnólia.
- Esperança, J. P. (2009). *Uma abordagem eclética do valor da língua: o uso global do Português*. Lisboa, PT: ISCTE/Instituto Camões.
- Fiamoncin, L. M. (2015). *A percepção de lusofonia entre alunos do ensino médio de realidades sociais diferentes* (Tese de Doutoramento em Letras). Universidade Mackenzie de São Paulo, São Paulo.
- Guzeva, T., Gomes, B., Macário, M. J., Ançã, M. H., Paiva, Z., & Ohuschi, M. (2013). Língua portuguesa no ciberespaço: difusão, crescimento e valores. In *Atas do XX Colóquio da Lusofonia* (p. 164-173). Seia, PT: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.
- Jodelet, D. (2007). Contribuições das representações sociais para a análise das relações entre educação e trabalho. In L. Pardal, A. Martins, C. Sousa, A. Del Dujo, & V. Placco (Ed.), *Educação e trabalho: representações, competências e trajetórias* (p. 11-25). Aveiro, PT: Universidade de Aveiro/Departamento de Ciências da Educação.
- Lewis, M. P., Gary, F. S., & Fenning, C. D. (2016). *Ethnologue: languages of the world* (70th ed.). Dallas, TX: SIL International. Recuperado de <http://www.ethnologue.com/statistics/size>
- Macário, M. J. (2014). *Trabalho colaborativo em fóruns na formação de professores: um contributo para a didática da ortografia* (Tese de Doutoramento em Didática e Formação). Universidade de Aveiro, Aveiro, PT.
- Macário, M. J., Sá, C. M., & Gomes, B. (2015). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação inicial de professores. *Revista da UIIPS*, 3(6), 370-384.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo. Revista das Ciências da Educação*, 8(1), 7-22.
- Marques, I. S., & Sebastião, I. (2013). O papel dos manuais escolares no processo de sensibilização à diversidade e variação linguísticas. In M. Teixeira, L. Santos, I. Silva, & E. Mesquita (Ed.), *Encontros da língua portuguesa: ensinar e aprender português num mundo plural* (p. 137-172). Santarém, PT: Escola Superior de Educação de Santarém/Universidade Federal Uberlândia.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa, PT: Ministério da Educação/Direção da Educação Básica.
- Pereira, D. (2008). *O conceito de lusofonia e a cooperação na promoção e difusão da língua portuguesa – tópicos de intervenção*. Recuperado de https://www.cplp.org/Files/Filer/cplp/Domingos_Simoes_Pereira/Discursos_DSP/SE_TNOVAS_13NOV08.pdf.
- Perrenoud, P. (1999). *Dix nouvelles compétences pour enseigner*. Paris, FR: ESF.
- Pinho, J., & Ançã, M. H. (2015). A lexicultura na valorização e promoção da língua portuguesa. In M. H. Ançã, & M. J. Macário (Orgs.), *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística* (p. 27-43). Aveiro, PT: UA Editora.
- Pinto, S. M. A. (2012). *As línguas na universidade de Aveiro: discursos e práticas* (Tese de doutoramento em Didática). Universidade de Aveiro, Aveiro, PT.
- Reis, C., Laborinho, A. P., Leiria, I., Filipe, M., & Pinheiro, F. (2010). *A internacionalização da língua portuguesa. Para uma política articulada de promoção e difusão*. Lisboa, PT: GEPE.
- Reto, L. (2012). *Potencial económico da língua portuguesa*. Lisboa, PT: Alfragide Texto.
- Rodgers, C. R., & Scott, K. H. (2008). The development of the personal self and professional identity in learning to teach. In M. Cochran-Smith, S. Feiman-Nemser, D. J. McIntyre, & K. E. Demers (Ed.), *Handbook of research on teacher education. Enduring questions in changing contexts* (3rd ed., p. 732-755). New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Sá, C. M. (2015). Transversalidade da língua portuguesa e sua promoção no mundo: reflexões sobre a sua abordagem na formação de professores. In M. H. Ançã, & M. J. Macário, *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística* (p. 133-159). Aveiro, PT: UA Editora.
- Sá, C. M., & Macário, M. J. (2014). *Transversalidades*. Aveiro, PT: Universidade de Aveiro.
- Sil, V. (2006). As práticas escolares, as representações sociais e a formação docente. *Sonhar*, 2(1), 13-22.
- Tardif, M. (2003). Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, 13(1), 5-24.
- United Nations (2013). *World Population prospects, the 2012 revision*. Recuperado de http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/panel_population.htm.
- World Economic Forum. (2016). *New vision for education: fostering social and emotional learning through technology*. Recuperado de http://www3.weforum.org/docs/WEF_New_Vision_for_Education.pdf.

Received on February 8, 2017.

Accepted on January 25, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.